



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13502 - Painel Temático - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

Painel Temático

Corpos que escrevem: diálogos e(m)educação

Jean Carlos Gonçalves - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Jean Carlos Gonçalves - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Adrienne Ogeda Guedes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Carolina Cony Dariano da Rosa - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq/CAPES

CORPOS QUE ESCREVEM: DIÁLOGOS E(M) EDUCAÇÃO

Jean Carlos Gonçalves – UFPR/FURG/CNPq

Adrienne Ogêda & Carolina Cony Dariano da Rosa – UNIRIO

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi – UFSCar

COORDENADOR: Jean Carlos Gonçalves – UFPR/FURG/CNPq

Resumo:

O presente painel temático tem por objetivo discutir questões atuais e urgentes, pertinentes ao universo das relações entre corpo, escrita e educação, considerando diferentes contextos, prismas e perspectivas de investigação e construção científica. As autoras e o autor propõem, a partir de pesquisas realizadas em campos teórico-metodológicos distintos, a apresentar articulações e convergências no que se refere às demandas e potencialidades no diálogo com a pesquisa em educação, tendo como mote aglutinador a escrita que perpassa e se faz pelo corpo, no corpo e com o corpo.

Palavras-chave: Corpo; educação; escrita; diálogo.

Palavras ao vento dentro de nós: diálogos entre educação, teatro e prisão no contexto pandêmico ^[i]

Jean Carlos Gonçalves – UFPR/FURG/CNPq

Introdução – Em busca de saídas

O presente resumo busca provocar reflexões a partir do diálogo entre educação, teatro e prisão, considerando, como disparador poético, um caderno de atividades disponibilizado a mulheres em situação de privação de liberdade durante o período de isolamento em decorrência da crise global instalada por conta do vírus Covid-19.

Conforme informado na descrição de divulgação na página da Hucitec Editora, *Das saídas que moram nas palavras: caderno de atividades* se configura como uma proposição artístico-pedagógica que surge de uma parceria entre os Programas de Extensão *Pedagogia do Teatro e Processos de Criação* e *Entre Livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica*, ambos do Centro de Artes, Design e Moda da UDESC – CEART/Universidade do Estado de Santa Catarina, localizado em Florianópolis –SC. O primeiro, coordenado pelo professor Vicente Concilio, tem como objetivo levar oficinas de teatro para lugares sem ou com pouco acesso e desenvolve ações a partir da relação entre teatro e prisão. O programa é vinculado ao projeto de pesquisa *Infiltrações das artes cênicas nos espaços de privação de liberdade*, que realiza pesquisas dentro do Presídio Feminino de Florianópolis, investigando processos artístico-pedagógicos. A proposta, iniciada em 2017, consiste em aulas de iniciação ao teatro e construção artística, que funcionam no formato de oficinas (atividade educacional complementar) para mulheres privadas de liberdade. Já o segundo, coordenado pela professora Anelise Zimmermann, promove atividades de cunho interdisciplinar envolvendo os livros, a tipografia e o desenho como expressão cultural, comunicacional e artística, através da promoção do diálogo entre áreas e diferentes públicos, integrando a universidade, professores, pesquisadores, técnicos, alunos e comunidade. O Programa é parceiro do Instituto Casa Cleber Teixeira (Acervo da Editora Noa Noa) e da Biblioteca Cleber Teixeira, que se constituem enquanto espaços abertos à diferentes públicos para a troca de conhecimentos teóricos e práticos sobre cultura gráfica. ^[ii]

Com concepção, organização e redação de Vicente Concilio e Caroline Vetori, o caderno, que conta com distribuição gratuita e também está disponível em formato digital no site da Hucitec Editora ^[iii], se constitui enquanto alternativa viável para a continuidade do trabalho com a pedagogia do teatro no presídio durante a pandemia de Covid-19:

Desenvolvemos este caderno de atividades para abrir um espaço de encontro consigo e entre nós. [...] Esperamos que esse caderno seja também um alento nesses tempos, uma possibilidade de auto percepção

e autocuidado, um espaço de expressão, de criação e de fazer arte. [...] Nossa vontade era criar pessoalmente com você, mas enquanto não pudermos, vamos compartilhando essas páginas, palavras, imagens e emoções. (CONCÍLIO, VETORI, 2022, p. 1)

Vale lembrar que, em contraposição a outros públicos e contextos educacionais, nos quais as práticas artístico-pedagógicas em teatro puderam ser reconfiguradas em sua transposição para o ambiente tecnológico e/ou remoto, o ambiente prisional não disponibilizava a possibilidade de acesso a ambientes virtuais.

Ao propor um diálogo artístico e poético com mulheres que estão privadas de liberdade, o caderno mobiliza discussões sobre os corpos dos autores, que escrevem e buscam uma possibilidade de resposta performativa aos convites que ali estão impressos, de um desejo de resposta que considera o próprio ato de ler como mote propulsor da elaboração criativa (autoria) em sua relação com o literário. Nesse movimento de discursos que vão e vêm, já se estabelece um importante acordo entre autoria e recepção, muito próxima daquele desejado pelo teatro: a comunicação imediata com um público que se expressa, que age diante da cena proposta.

A partir de uma hipótese que tem como premissa a geração de um material que possa escutar essas mulheres, e fazer suas vozes ecoarem, o caderno parece conseguir atingir um ideal muito discutido em contextos educacionais, que é o da busca por relações efetivamente dialógicas entre docentes e discentes (no caso aqui estudado, entre os propositores da ação e o público para o qual direcionam uma materialidade verbo-visual). Tal relação apresenta um caráter sensível e repleto de sentidos que extrapolam sua própria esfera de produção, circulação e recepção implicados na enunciação.

As saídas podem estar no diálogo?

Vetori de Souza (2022) aponta que uma das potencialidades do caderno de atividades *Das saídas que moram nas palavras* está nos questionamentos que podem romper com uma relação objetual e quebrar as imagens de controle a partir das palavras. Estas, consideradas, então, como saídas desse imaginário imposto. É aí que a proposta justifica uma linguagem verbal e visual transpassada por fabulação e humanidade. Esta linguagem permite, por exemplo, o acesso, por essas mulheres, a excertos de autoras que já vem trabalhando em uma perspectiva de autoria vinculada a processos em que elas possam se tornar narradoras e escritoras de suas próprias realidades, autoridades que ocupam seus espaços, como aponta Vetori de Souza ao recorrer aos escritos de Kilomba (2020).

Cabe, então, uma reflexão sobre o alcance de um trabalho realizado como alternativa possível para um determinado público considerando aí o aspecto pedagógico da ação proposta pois, pelo seu caráter absolutamente sinestésico e sensorial, que envolve e convida o corpo na/à produção de sentidos, ela consegue alcançar outros públicos, de diferentes idades e em múltiplos processos de formação. É possível atestar uma viabilidade paradoxal da aplicação dos exercícios constantes do caderno, que extrapolam o ensino de teatro, o contexto prisional e o período pandêmico, o que se configura como uma rede expandida de probabilidades quando estamos diante de um projeto verbo-visual que chama o corpo à comunicação a partir das palavras que nele habitam.

Vale retomar a noção de relações dialógicas, tanto para estabelecer possibilidades entre o estudo do caderno de atividades e sua contribuição para se pensar contextos outros e maiores, quanto para investigar de que forma as relações entre escrita, corpo e pesquisa em

educação podem reverberar do ponto de vista desta contribuição. Assim, faz-se necessário recorrer aos estudos de Bakhtin e o Círculo ^[iv], para compreender que “as relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 210). No projeto discursivo bakhtiniano o texto é considerado tanto como objeto de significação como objeto de comunicação, sendo que a concepção de texto está atrelada à noção de enunciado, no qual as abordagens internas e externas da linguagem se conciliam.

Enquanto enunciado, o texto produzido por alguém e dirigido a um outro numa situação dada, é individual, único e não reproduzível. Este polo não o articula com os elementos reproduzíveis do sistema, mas com outros textos (não reproduzíveis), numa relação dialógica. Este polo só se revela na cadeia de textos e é aí que se produz o sentido (AMORIM, 2004, p.189).

A perspectiva dialógica pressupõe que os conceitos centrais desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo no conjunto de seus diversos trabalhos permitem “pensar a linguagem em suas múltiplas manifestações, e, ao mesmo tempo, procedimentos teórico-metodológicos para analisá-la e interpretá-la em contextos específicos [...]” (BRAIT, 2012, p.10). É pela ideia do texto como enunciado concreto, constituído por discursos, ligado a uma autoria individual ou coletiva, que a esfera, o entorno, e os destinatários são considerados. É assim que a ADD (Análise Dialógica do Discurso) firma suas bases no pensamento bakhtiniano e é esta perspectiva que sustenta o quadro teórico-metodológico deste trabalho.

Pensar relações dialógicas a partir de tal matriz, distancia-se, e muito de perspectivas que aproximam o diálogo de sua associação comumente à ideia de concordância ou harmonia, ou seja, Bakhtin, quando fala em arena, aponta para o embate de vozes que se dá em uma situação enunciativo-discursiva. Por isso, a análise de uma materialidade, seja ela verbal, visual, ou verbo-visual, como é o caso do caderno de atividades *Das saídas moram nas palavras*, precisa considerar a produção, circulação e recepção de modo não dissociado das lutas que se travam quando estão em voga projetos desse teor.

A concepção de texto, tal como defendida pelos pensadores bakhtinianos, implica a busca por uma compreensão de enunciado concreto como matriz que guia o olhar para os dados. Qualquer fenômeno ideológico sóico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 94). Desse modo, o texto que circula em determinada esfera social/ideológica será sempre resultado de um encontro de vozes, de um embate de ideias e, por isso, dialógico.

Investigar como funcionam estes processos enunciativo-discursivos apresenta-se, assim, como um desafio aos tempos atuais; tempos de incertezas nunca antes tão reforçadas pelas lentes de aumento de uma crise política, sanitária e existencial. Enquanto formatos e plataformas antes desconhecidos ou pouco acessados chegam às nossas casas em uma velocidade que ainda nos soa estranha e distante, qual a importância de um caderno na modalidade impressa, repleto de uma estética imagética e palavreada que parece até mesmo se distanciar da realidade tecnológica e digital do mundo pandêmico? Mesmo a versão online do material preserva a mesma arteficialidade gráfica das folhas viradas uma a uma, movimento este capaz de promover, de forma delicada e sutil, uma sensibilidade aliada ao que se concebe hoje por *educação estética* ^[v].

O corpo como morada das palavras

A obrigatoriedade de adaptação da docência ao período pandêmico se mostrou, de algum modo, como um pequeno diagnóstico das conexões que se fizeram urgentes entre o que estava lá e aqui. Este *lá* e este *aqui* podem ser lidos de vários modos. Onde está a *educação*? Lá ou aqui? Onde e de que maneiras se faz *educação*? Com quem? E onde está o corpo que escreve na educação? Lá ou aqui? Em que espaços educação, corpo e palavra se encontram? Como construir diálogos, na educação, por meio de perspectivas que incentivem a escrita nos e por meio dos corpos que agem nos contextos educacionais?

Tais perguntas certamente não encontrarão respostas fáceis, nem mesmo no caderno em questão. Mas nele elas podem encontrar, ao menos, saídas, fugas, brechas de escape a um sistema que ainda se move com dinâmicas que precisam de rupturas e outras formas de resistência. É aí que uma nova recorrência à Bakhtin nos parece útil:

[...] o ser da expressão é bilateral: só se realiza na interação de duas consciências (a do eu e a do outro); a penetração mútua com a manutenção da distância; é o encontro de duas consciências, a zona do contato interior entre elas (BAKHTIN, 2011, p. 396).

Ao compreender que é tão somente pela perspectiva do desejo de encontro que alguns projetos educacionais continuam, se mantêm e permanecem mesmo diante dos infortúnios, que podemos reconhecer no caderno, em sua própria concepção e apresentação, traços de um provocativo convite ao diálogo entre corpos que escrevem. A partilha, tão impulsionada no campo teatral, ressoa nas páginas coloridas e tocantes como uma voz que clama por novas perguntas e é justamente nesse princípio que se baseia a interação humana. Em termos bakhtinianos, é o outro que nos constitui, e por isso precisamos dele, de sua voz, de seu verbo-existir. Uma educação que convida ao diálogo as palavras que moram no corpo torna-se, assim, premissa e caminho. Ou, talvez, saída.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)**. 6. ed. Trad. Aurora Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Nazário & Homero F. de Andrade. São Paulo: Ed. Hucitec, 2010, p.71 – 210.

_____. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth; SILVA, Maria Cecília Souza e (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

CONCILIO, Vicente; VETORI, Caroline. **Das saídas que moram nas palavras: caderno de atividades**. São Paulo: Hucitec Editora, 2022.

GONÇALVES, J. C. Artes do Corpo e Dialogismo em Soneto 116: potencialidades para uma educação estética do olhar. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 53, n. 1, p. 161–176, 2022a. DOI: 10.18309/ranpoll.v53i1.1603. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1603> Acesso em: 7 abr. 2023.

_____. Dostoiévski em podcast: potencialidades para uma educação estética da

escuta. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 31, n. 58, p. 77–87, 2022b. DOI: 10.26512/cerrados.v31i58.40974. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/40974> Acesso em: 7 abr. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VETORI DE SOUZA, Caroline. As saídas moram nas palavras? As saídas podem morar nas palavras? Escrita enquanto encontro com mulheres privadas de liberdade. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 49, n. 49, 2022. DOI: 10.19179/rdf.v49i49.1081. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1081> Acesso em: 23 mar. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Expor o corpo na pesquisa em Educação: corporalizando a escrita

Adrienne Ogêda Guedes, UNIRIO

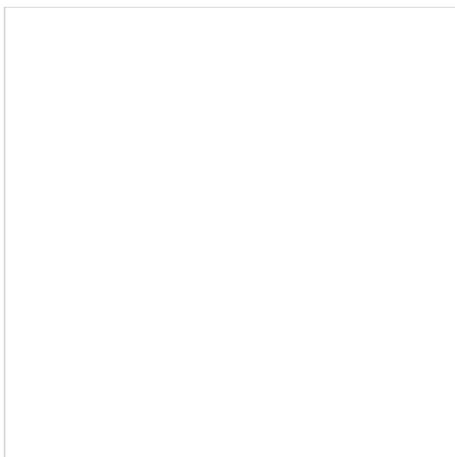
Carolina Cony Dariano da Rosa, UNIRIO

O pensamento só é sério pelo corpo. É a aparição do corpo que lhe confere seu peso, sua força, suas consequências e seus efeitos definitivos. “A alma” sem corpo nada mais faria além de trocadilhos e teorias.

O que substituiria as lágrimas por uma alma sem olhos, e de onde ela extrairia um suspiro e um esforço? (VALÉRY, apud BARDET, 2014, p. 22)

Qual o lugar do corpo na pesquisa, em especial, na pesquisa em educação? De que modo conteúdo e forma se articulam nas produções destinadas a dar a ver o que temos realizado? E, pensando em especial na pesquisa que articula educação e arte ^[vi], como as criações que se dão em diferentes linguagens, materialidades, integram nossas produções? São adereços? Adornos? Tem caráter ilustrativo? A crítica ao lugar que a arte costuma ocupar nas instituições educativas não é recente e vale aqui para pensar como costumam também figurar nos textos acadêmicos e nos espaços de compartilhamento que ocupamos (congressos, seminários etc.). Arte como adorno, como evento, como algo que acontece de modo externo, anexo aos processos. A criação em outras linguagens, incorporada, estética, tem integrado nossas pesquisas uma vez que opera outros modos de subjetivação e produção de sentidos, distintos da escrita verbal. Se *falar* (e escrever de modo verbal) é ainda justo e necessário como quer Tiburi (2012), há também os limites da palavra: como expressar o indizível? Ou o que é preciso – para amplificar seus sentidos – ser dito em muitas línguas?

Figura 1: Apresentação da dissertação *Cadernos de uma artista pesquisadora de Carol Cony, performance-dança*, 2023



Fonte: Acervo pessoal das autoras

O que e como “dizem” nossas criações que convocam outras corporeidades? Uma pesquisa que dança (ROSA, 2023), que baba (BEMVENUTO, 2023)? Uma escrita que inclui experimentações visuais, plásticas (BEMVENUTO, 2022; FERREIRA, 2021; SILVA, 2021)? Essa tem sido uma questão que nos atravessa e impacta as produções de nossas ações de ensino, pesquisa e extensão. Nesse trabalho pensamos a pesquisa em educação como um todo: as heurísticas, os processos, a escrita, as epistemologias, para isso apresentamos excertos de algumas das pesquisas que temos desenvolvido cujos “resultados [\[vii\]](#)” convocam ao diálogo que estamos propondo. Compreendemos que há uma indissociabilidade entre conteúdo e forma. A forma não é um meio de transmitir uma mensagem, a forma é a mensagem (CASTRO, 2020). No campo da arte, essa não separação é evidente e parece ser mesmo matéria da criação.

Figura 2: Fotomontagem que integra a dissertação de mestrado da artista da dança e educadora Carol Cony: “Caderno de uma artista pesquisadora”, fevereiro, 2023.



Fonte: Acervo da artista Carol Cony

Nesse resumo refletimos sobre o que impulsiona e sustenta a construção de práticas de produções acadêmicas contra-hegemônicas no bojo das vivências de pesquisa em nosso grupo, o FRESTAS – Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos, ligado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Ancoradas no corpo e nas subjetividades de quem escreve e lê como pressuposto para uma escrita estesiada, dando

ênfase ao conceito de escrita performativa, nos interessa considerar a presença do corpo pela linguagem artística, ampliando a noção de escrita, tomando-a como experiência que se articula a outras materialidades, temporalidades, que podem operar de modo performativo. Visamos tensionar as ideias do que seja uma escrita acadêmica, ainda que em *Times New Roman*, caminhando pelas fissuras, as frestas, que têm nos possibilitado produzir pesquisa como artesanato, como invenção, feitas manualmente e escolhendo modos de fazer que afirmam nosso compromisso com a flexibilidade à mudança, ao movimento e a (re) existência produzida em nossos corpos. Nos interessa trafegar por metodologias minúsculas, que rompem com a normativa do método enquanto condição de cientificidade, que reforçam a importância das multiplicidades, das diferenças, da polifonia, do diálogo. Uma metodologia com letra minúscula, compromissada com as singularidades, com o diferir, com o sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa (GUEDES; RIBEIRO, 2019). Singularizar a palavra: alargar frestas para que o corpo se expresse no texto. Um desafio constante no nosso exercício de criar maneiras para incorporar a escrita. Um exercício intenso, desafio cotidiano de corporificar as produções acadêmicas, especialmente as apresentações em congressos e as dissertações e monografias acadêmicas.

Ao longo desse texto, inserimos algumas das produções que integram as pesquisas de mestrado de integrantes do nosso grupo. Imagens, fotomontagens, excertos de produções que contam da busca que enunciamos: uma pesquisa de corpo inteiro, que recorre a muitos modos de dizer, de expressar, de encontrar caminhos para expressão que integram nossa dimensão artística, que mobilizam afetos, sentidos, sensíveis.

Figura 3: Micélios fúngicos na escola. da série “Paisagens de escola”. (integram a dissertação de mestrado em curso da artista visual e educadora Virna Bemvenuto, 2023)

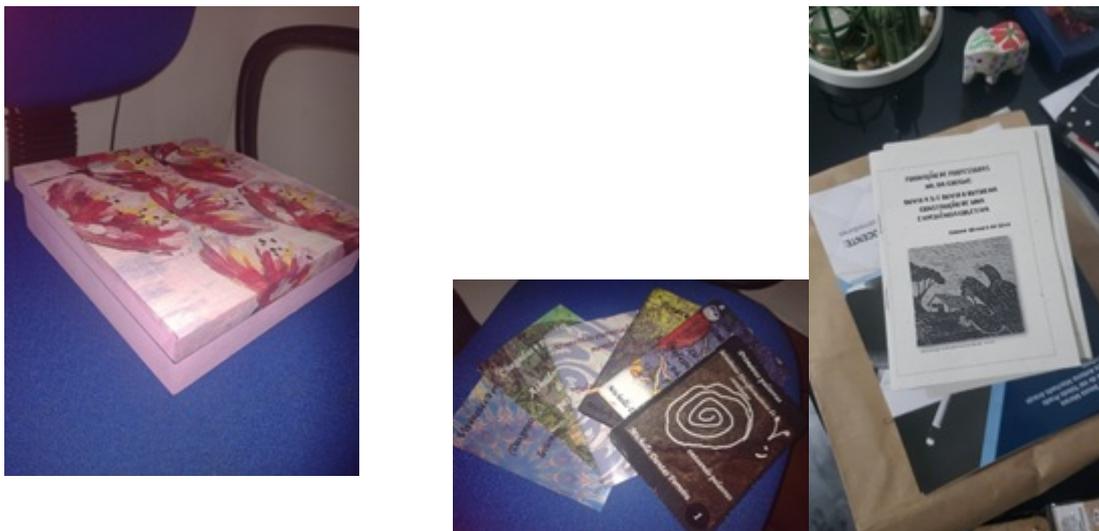


Fonte: Acervo pessoal da artista educadora Virna Bemvenuto.

Nos dedicamos ao desafio de Expor nossos processos de busca por uma produção encarnada ^[viii]. Verbo que vem do Latim *exponere*, “apresentar à vista, destacar, mostrar”, de *ex*, “para fora”, mais *ponere*, “colocar” (site <https://origemdapalavra.com.br/>). Escrever um resumo para o Encontro Nacional da Associação de Pesquisa em Pós-graduação mobiliza esse colocar à vista o que temos pensado, praticado, vivido no terreno da investigação. Exposição que implica em escolhas, que se organiza em uma forma estabelecida – número de páginas, formato de letra, tamanho de margens – e que deixa de fora outras tantas possibilidades. O que escolhemos colocar na forma das 5 páginas de um resumo expandido para um painel temático? O que decidimos ser matéria de destaque? O que se passa durante todo esse caminho que acontece no antes, no durante e no depois da produção desse texto? Muitas coisas acontecem. Dúvidas, escolhas. Recomeços, leituras para ampliar o entendimento, seleções. Respiros e mais dúvidas. Encontros. Escrever é processo vivo e

movente, feito por um corpo que oscila, escolhe, levanta e senta, dói e pulsa.

Figuras 4, 5: dissertação de Michelle Dantas Ferreira, “Miudezas (des)formativas no/do cotidiano: experiências estéticas e artísticas de um grupo de educadoras/es”. Figura 6: dissertação de Edilane Oliveira da Silva, “Formação de professoras na/da creche: ouvir a si e ouvir o outro na construção de uma experiência coletiva”.



Fonte: Acervo das autoras.

As imagens inseridas nesse texto trazem produções que aconteceram no curso de pesquisas de mestrado defendidas entre 2021 e 2023 e em uma pesquisa em andamento. Foram criações produzidas em contextos muito distintos e que entraram nas pesquisas em momentos igualmente distintos. Na foto 1 e 2 temos duas produções da artista da dança Carol Cony. Em sua dissertação “Cadernos de uma artista pesquisadora” defendida em 2023, há uma série de fotomontagens que dialogam com questões que atravessam seu trabalho. A figura 1 é a fotografia da performance realizada por ela e construída ao longo dos dois anos de mestrado. Texto verbal e dança foram apresentados no dia de sua defesa. A foto 2 integra o corpo do texto finalizado, e foi criada a partir da questão da palavra-corpo, presente em sua investigação.

Na figura 3 temos a foto produzida pela artista e educadora Virna Bemvenuto e inaugura a questão que mobiliza sua pesquisa: as ruínas da escola. Ao se deparar com a parede atrás de um quadro branco caído, os micélios fúngicos funcionam como aparição como a vida resiste aos escombros, as ruínas? Uma imagem vista com olhar poético, que mobiliza caminhos de investigação e, mais a frente, é também inspiração para suas criações visuais e seus estudos. As figuras 4 e 5 trazem o material final da dissertação de Michelle Dantas Ferreira, defendida em 2021. A pedagoga mergulha em seus processos criativos para inventar um formato de organização do seu material de pesquisa. Em resumo, Michelle realizou uma série de encontros estéticos artísticos com as professoras de um CIEP no Rio de Janeiro e organizou seus capítulos em forma de livretos, criando capas que expressavam os sentidos contidos nos temas de cada livreto. Todo o material foi entregue em uma caixa de madeira, que também sofreu uma intervenção artística. Acompanhavam os livretos, na caixa, diferentes elementos que convidam a fruição (sabores, aromas), pertinentes e conectados ao modo como a pesquisa transcorreu e seus referenciais. Na figura 6 vemos a capa da dissertação da professora Edilane Oliveira da Silva. Nordeste, recorre a estrutura do Cordel para fazer a apresentação de seu trabalho. Nestes exemplos, as expressões, fotografias, pinturas, emergem em momentos distintos das pesquisas. São conteúdo e forma. Ora como mobilizadoras de caminhos, articulando ideias, sentidos, temáticas; ora como modo de

compor o material e sua apresentação, convergentes com seu conteúdo; como experiência metodológica de dançar a pesquisa, incorporar à performance, com gestos, saltos, movimentos, os temas que atravessam a investigação. Corporalizando. Convidando às artesanias.

Aqui enunciamos caminhos que temos percorrido nessa busca entre produzir uma pesquisa que desierarquize o corpo, que inclua as materialidades, as fisicalidades em seus modos de expressão, em seus processos de criação.

Deformar o paradigma que dissocia o corpo e a mente. Retirar o homem como centro do pensamento e do conhecimento, assim como o protagonismo do cérebro como único órgão responsável pela produção de conhecimento. Subverter a hierarquia corporal, manchar e arruinar os protagonismos – cabeça, rosto, cérebro – confundindo as certezas e seus lugares de saber, e democratizar o corpo (BARDET, 2014).

Tem nos interessado produzir pesquisas que caminhem na contramão do pensamento que compreende corpo e mente como separados e quase que antagônicos. No âmbito dos textos que temos criado para dar a ver nossas pesquisas, onde estaria o corpo? Eles sublinham os sentidos das palavras ditas? Se aferram a conceitos estabelecidos? Impõe sua firmeza? Ou desnudam a linguagem, se opondo ao seu sentido fixo? Ele poderia causar assombro através de um texto-pele-peso? Com Bachelard, desconfiamos dos conceitos que, necessários em um determinado período, podem se tornar obstáculos se a eles nos aferramos e impedimos que o pensamento possa se mover. Conceitos que encerrados em categorias, tendem a se cristalizar em suas classificações (TAVARES, 2021). Os conceitos são organizações verbais, [...] palavras arrumadoras; necessárias num determinado período, mas que podem a seguir tornar-se e até rapidamente, impedimentos para o movimento do pensar. Bachelard (apud TAVARES, 2021, p. 25) vai ao limite e escreve: “Para cada conceito há uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que é, por definição, pensamento classificado”. (TAVARES, 2021, p 25)

A performance, as fotomontagens, as criações plásticas e visuais visam o desmoronamento de um discurso, que carrega em sua presença marcas de uma ciência que tem como um dos fundamentos a compartimentalização. Cérebro *versus* coração, razão *versus* emoção, cultura *versus* natureza. Um ato performativo pela não compartimentalização do corpo. Que possa “[...]interrogar o *tom de certeza* que reina” (DIDI-HUBERMAN, 2013) em discursos que carregam seus saberes como únicos. Por discursos do corpo que atravessam as imagens das palavras.

Nos limites de um resumo expandido, enunciamos e anunciamos nossos gestos, passos, piruetas na experimentação de uma pesquisa de corpo inteiro.

Referências:

BARDET, Marie. **A filosofia da Dança: um encontro entre dança e filosofia**. Tradução Regina Schopke, Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BEMVENUTO, Vitória. **Esvaziar para preencher: experiências (trans)formativas de educadoras**. 2022. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

BEMVENUTO, Virna. **Reimaginar ruínas: (de)formações poéticopedagógicas**. 2023. Projeto de qualificação de pesquisa (Mestrado em andamento) – Universidade Federal do Estado do

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

CASTRO, Alex. **Literatura: a forma é o conteúdo**. Seção Grande Conversa, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://alexcastro.com.br/literatura-forma-e-conteudo>. Acesso em 04/04/2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. Trad. Paulo, Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERREIRA, Ana Maria Gonçalves Ferreira. Pesquisa em arte ou pesquisa com arte? **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 14, n. 1, p. 19-26, jan./jun. 2014.

FERREIRA, Michelle Dantas. **Miudezas (Des)formativas do cotidiano: experiências estéticas e artísticas de um coletivo de professoras**. 2021. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: GUEDES, Adrienne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.) **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado – questões para a pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ROSA, Carolina Cony Dariano da. **Caderno de uma artista pesquisadora**. 2023. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Edilane Oliveira da. **Formação de Professoras na/da Creche: ouvir a si e ouvir o outro na construção de uma experiência coletiva**. 2021. f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

TAVARES, Gonçalo Manuel. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens: imagens Os especialistas**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

TIBURI, Márcia. **Diálogo/dança / Marcia, Tiburi, Teresa Rocha**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

Do ato de escrever sobre/no/com corpo: diálogos entre movimento e educação na formação de docentes das infâncias

Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi – UFSCar

Introdução

O presente Resumo Expandido é fruto de reflexões construídas no percurso da docência no curso de Licenciatura em Pedagogia, na área da formação corporal de futuras(os) Pedagogo(as), com foco em documentos escritos – anotações e relatos escritos em cadernos, mapas e desenhos de corpo, cartas, planejamentos de aulas, reflexões sobre as

práticas corporais de movimento – criados no contexto da disciplina “Educação, Corpo e Movimento”. [\[ix\]](#)

Trata-se de uma pesquisa documental em andamento, na qual é feita análise de documentos de primeira mão, que não receberam tratamento científico (MALHEIROS, 2011), que procura responder à seguinte questão-problema: “qual o papel da escrita sobre corpo, no corpo e com o corpo nas travessias de pedagogas(os/es) em formação docente?” O objetivo principal é aprofundar os conhecimentos sobre os sistemas de reflexão no ensino e aprendizagem em Corpo e Movimento na formação de Pedagogas(os/es), a partir do estabelecimento de um diálogo crítico-reflexivo entre práticas, teorias e métodos de registros escritos e desenhados.

O projeto está sendo desenvolvido em dois blocos temáticos. O primeiro teve início com o desejo de analisar mais profundamente todo o material didático-reflexivo que venho produzindo desde a década de 1980 em minhas primeiras aulas do sistema Laban, seguidas da formação na Técnica Klaus Vianna a partir de 1992. O material, por mim constantemente revisitado, vem sendo feito tanto em aulas que ministro quanto nas sessões que continuo a fazer como aluna de Dança Educativa, educação somática e movimento expressivo, para reavivamento do meu corpo no trabalho que conduzo como docente. A etapa inicial guarda indícios do segundo bloco do projeto, que está por ser iniciado em maio de 2023, o qual envolverá a análise de escritos de estudantes do curso de Pedagogia participantes da disciplina “Educação, Corpo e Movimento”.

A metodologia tem inspiração na abordagem freireana de compreensão crítica e contextualizada dos atos de ler e de escrever, “no fundo indicotomizáveis” (FREIRE, 2017, p. 20), que sugere fazer uma arqueologia de minhas próprias linhas traçadas por meio do gesto complexo de escrever, antes de partir para a interpretação dos escritos de estudantes. Revisitar e “re-ler” escritos “dos começos de minha mocidade”, é um esforço de re-viver e re-criar a experiência com maior compreensão hoje do escrever sobre/no/com corpo como ato de conhecimento e ato criador.

O trabalho justifica sua importância por contribuir com a construção de uma ação educativa mais atenta às sistemáticas de registro e reflexão na área dos estudos do corpo. Na medida em que se valorizam os modos de elaboração das reflexões sobre os fazeres corporais, podem ser geradas mudanças nas formas pelas quais investigamos sobre movimento expressivo nos cursos de Pedagogia. O olhar mais apurado sobre a perspectiva de reflexão em Corpo e Movimento pode contribuir com avanços das discussões teóricas e conceituais, inclusive sobre currículo, visto que se comprovou que, por meio deste tipo de registro, é possível conhecer temas emergentes, necessidades e principais demandas de conhecimento de futuras(os) pedagogas(os) no campo da educação corporal (LOMBARDI, 2020).

Da tríade prática-teoria-reflexão na formação corporal de profissionais das infâncias

A universidade é uma instituição da sociedade que vive contradições inerentes às tarefas simultâneas de propiciar imersão nos conhecimentos construídos nas diferentes áreas do saber, fazer a crítica social, bem como promover ações de transformação e melhorias para a dignidade humana. Nessas circunstâncias está inserida a formação corporal de futuras(os/es) professoras(es), que visa provocar a certa reflexão em estudantes de que repensem suas posições no contexto histórico, fazendo-se conscientes de forças dominadoras e opressoras que promovem homogeneização e massificação.

Desejamos formar Pedagogas(os/es) conscientes de que terão grande impacto sobre as vidas de outras pessoas – primordialmente bebês, crianças e adolescentes nas escolas – e, por esta razão, que precisam se propor a (des)educar e reeducar seus próprios corpos – muitas vezes negligenciados, manipulados e oprimidos – para os redescobrirem brincantes, estéticos e exploradores. Assim, serão mais capazes de estar em sintonia com as múltiplas infâncias, respeitando os corpos das crianças que são corpos-brincantes, sujeitos cognoscitivos do brincar.

É neste sentido que a pergunta “qual o lugar da escrita sobre corpo, no corpo e com o corpo nos processos de formação de pedagogas(os)?” remete a pesquisas que venho realizando sobre a tríade prática-teoria-reflexão na formação artístico-corporal de profissionais da Educação Infantil e dos Anos Iniciais, por meio da qual se busca diálogos entre os fazeres, os fundamentos teóricos e os sistemas de reflexão na formação artística docente (LOMBARDI, 2011, 2020, 2022).

As investigações sobre formação profissional em Educação reconhecem como essencial que docentes desempenhem uma atividade “teórico-prática”, se referindo a “prática” como sendo as situações reais vividas dentro da escola, o ensino em situação ou prática de ensino, e um vasto campo epistemológico interpreta de diferentes maneiras sua valorização, como a epistemologia crítica, a epistemologia da práxis, a epistemologia da prática e a epistemologia crítico-reflexiva. De fato, este sentido da palavra se refere ao eixo central da profissionalização no campo educacional e mobilizadora da teoria pedagógica. No campo da Arte, o termo “prática” também tem conotação de “fazer artístico”, se referindo aos momentos da vivência criativa, de invenção, produção artística que se realiza por meio da experimentação de diferentes linguagens, produzindo ações poéticas. Esta pesquisa se refere à prática artística, não excluindo as influências que a prática pedagógica vivida nas escolas pelas(os) estudantes (em estágios ou início da vida profissional) terá em todo o processo reflexivo.

O lugar da escrita a que este projeto se refere está na dimensão reflexiva desta tríade, sempre em conexão com as outras duas facetas, tal como afirma Greiner (2005) sobre o próprio exercício de teorizar sobre corpo também ser uma experiência corpórea, uma vez que conceituamos com o sistema sensorio motor e não apenas com o cérebro. Para estudar sobre corpo é importante conhecer tanto teorias que lhe deram atenção especial, como aquelas que lhe desprezaram, “isto porque, o modo como um corpo é descrito e analisado não está separado do que ele apresenta como possibilidade de ser quando está em ação no mundo.” (GREINER, 2005, p.16). Procuramos por representações de corpo não-fragmentadas, inclinadas unicamente para o fazer ou para a teorização. Em vez disto, iniciar estudantes de Pedagogia na cultura da escrita sobre corpo visa contribuir para que transitem com familiaridade pela complexidade da questão, ou seja, contemplando tanto aspectos simbólicos e sociais do corpo em movimento, como físicos, afetivos e criativos.

O ingresso de futuras(os/es) Pedagogas(os/es) nas culturas da escrita sobre/no/com corpo

No convite a futuras(os/es) Pedagogas(os/es) a ingressarem nas culturas da escrita sobre/no/com corpo, se propõe uma experiência de escrita entre o sonho e a realidade, entre o devaneio do movimento expressivo e o desvelamento de estruturas, que não seja uma descrição de movimentos meramente técnica, isolada das jornadas individuais, nem desconectada das experiências passadas e das subjetividades. Que estudantes possam se libertar de escritas encerradas em conceitos ou resultados, mas sim tenham oportunidade de experimentar uma escrita reconstrutora de sentidos, em sintonia com a afirmação de Jean

Carlos Gonçalves e Michelle Gonçalves (2018, p. 152) de estar além da preocupação com qualidades estéticas ou linguísticas do texto, “encarado como lugar privilegiado de inscrição do sujeito e seu corpo no tempo e no espaço. Como afirmam o autor e a autora, tal como o corpo, inconcluso por natureza, a palavra, nunca é finita...

Uma anotação somente descritiva das práticas poderia reduzir a escrita a um sistema de traços ou sinais com correspondência com os movimentos, mas que fizesse de aprendiz uma máquina de sonorização ou uma copiadora (FERREIRO, 2007). A escolha é por uma escrita que inicie pelos registros das propostas de movimento expressivo e prossiga: estudando os itinerários feitos; aprofundando reflexões sobre as ideologias que perpassavam os corpos; fazendo análises por meio do diálogo das práticas com substratos teóricos que pensam sobre corpos expressivos; procurando compreender que a história vivida, determinadas crenças e marcas no corpo geram gestos sociais e ações pedagógicas.

Dentro dos pressupostos mencionados, a escrita como método de reflexão em ensino e aprendizagem corporal na formação de Pedagogas(os/es) pretende não se limitar a tornar racional o que é considerado expressivo/criativo. Pretende-se buscar um olhar que não necessariamente seja “enquanto tal”. Nas palavras de Emilia Ferreiro (2007, p. 59), a escrita:

Não é a fotografia da fala, mas sua representação. Nenhuma representação é idêntica, análoga ao objeto representado. Um mapa geográfico, por exemplo, ou um mapa de uma cidade, não possui planícies ou montanhas, nem ruas ou edifícios. Possui sinais que representam as variações do terreno ou da topografia e omite uma infinidade de detalhes que são pertinentes ao território “do modo como é” [...] Os mapas são, em certo sentido, representações com um alto grau de abstração, são olhares “de longe” do objeto concreto.

Espera-se ainda, que a escrita sobre corpo, no corpo e com o corpo seja tanto um exercício de aprendizado para quem escreve como potente recurso de ampliação de pensamentos para sujeitos-leitores, assim como acontece quando leio os relatos de experiência de Adriane Ogêda Guedes, Carolina Rosa, Virna Bemvenuto, Vitória Bemvenuto (2022) e de Letícia Teixeira (2022), que mergulharam no corpo, deixaram o gesto se tornar fala e a fala se tornar texto. A partilha dos escritos dentro da turma em formação corporal de profissionais da educação, em ambiente de confiança e liberdade de escolha em fazê-lo ou não, pretende exercitar a leitura de mundo presente nestes resultados visíveis de modo a fortalecer a percepção das relações entre texto e corpo, corpos e culturas, na esteira do que afirmou Paulo Freire (2017, p. 15): “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

A Abordagem Triangular do ensino de Arte, concebida por Ana Mae Barbosa (1991), sempre advogou a leitura contextualizada das obras de arte, com base nas noções de leitura de Paulo Freire e, assim, inspira a fecundidade dos escritos e leituras deste projeto. A interface entre leitura das obras de arte e o pensamento freireano entende leitura como via de construção de uma consciência crítica. Conforme Freire (2017), para conhecer a realidade precisamos lê-la com um olhar aguçado e crítico, como sujeitos ativos na relação com a leitura de algo, não passivo, indagando aquilo que lê. Desta forma, escritura e leitura

significarão conhecer, e o conhecimento, por sua vez, será transformador.

Considerações

As reflexões construídas nesse Resumo Expandido possibilitam visualizar outras formas de falar sobre si, considerando a “possibilidade de inscrição dos corpos dos sujeitos em sua escrita”, como propõem Gonçalves e Gonçalves (2018). Possíveis memoriais sobre corpo e movimento de estudantes da Pedagogia serão formas de compreender a ampla conjuntura cultural, espacial e temporal, política e afetiva do corpo.

Escrever sobre as experiências de movimento é um ato de reconhecimento da importância da percepção dos gestos sociais como dimensão criativa que integra o conhecimento intelectual: um objetivo de suma importância em qualquer forma de educação, de acordo com Laban (1990). Em relação ao trabalho docente, Laban afirmou que a dança educativa tem por objetivo contribuir para que professoras(es) desenvolvam a consciência de si mesmas(os) e do ambiente em que se inserem, descobrindo o corpo como um instrumento sensível que possibilita a inter-relação entre os mundos interior e o exterior.

Neste sentido, o ato de escrever sobre as experiências corporais, sobre os significados dos movimentos e da interioridade de onde se originaram movimento e ação, sobre as influências culturais do gesto, pretende ampliar a visão de movimento de profissionais da Educação para a integração corpo-mente-ambiente nele envolvida.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FERREIRO, Emilia. **O ingresso nas culturas da escrita**. In: Faria, Ana Lúcia Goulart de (org.). O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes. 2007, p. 55-66.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** [livro eletrônico]: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2017.

GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bocchi. **Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva**. *Educar em Revista [Dossiê: Teatralidade, Performance e Educação]*. V. 34, N. 37. Curitiba: EDUFPR, 2018. pp. 139-155. Disponível em: Acesso em 09 abril 2023.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUEDES, Adriane Ogêda; ROSA, Carolina Cony Dariano da; BEMVENUTO, Virna da Silva; BEMVENUTO, Vitória da Silva. **Quando escrever é mover: Por uma (des)educação**

performativa na escrita acadêmica. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 44, set. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102442022e0103>

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Formação corporal de professoras de bebês: contribuições da Pedagogia do Teatro**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21072011-103922/pt-br.php>. Acesso em: 09 abril 2023.

LOMBARDI, L. M. S. S. **Temas emergentes em estudos do e no corpo no curso de Pedagogia**. Revista Contrapontos, Dossiê Artes do Corpo e Educação, v. 20, n. 2, 2020, p. 289-311. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc> Acesso em: 09 abril 2023.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **(Des)Educação do corpo pelas artes na formação de pedagogas(os)**. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0107>

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

TEIXEIRA, Letícia. *O legado Angeliano por mim atravessado*: através de cadernos escritos nos idos de 1980. R2, nº 10, 2022, p. 39-44. DOI: 10.4322 ISSN: 2594-503 Disponível em: <https://www.revistatkv.art.br/ed10> Acesso em: 09 abril 2023.

[i] Trabalho realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (Bolsa de Produtividade em Pesquisa) e da CAPES (Verba PROEX [PPGE/UFPR – Conceito 7) – Programas de Excelência.

[ii] Fonte: https://www.udesc.br/ceart/noticia/udesc_ceart_lanca_livro_destinado_para_mulheres_em_privacao_de_liberdade_feira

[iii] O caderno está disponível para download neste site: <https://lojahucitec.com.br/produto/das-saidas-moram-palavras-vicente-concilio-caroline-vetori/>

[iv] Bakhtin e o Círculo ou estudos bakhtinianos ou pensamento bakhtiniano, é o conjunto de formulações teóricas advindas de um grupo de intelectuais russos que produziu um extenso legado científico sobre literatura, linguagem, cultura e arte desde o início do Século XX. Os autores mais conhecidos são Mikhail Bakhtin, Pavel Nikolaievitch Medviedév e Valentin Volóchinov.

[v] Ver, a título de exemplificação, os artigos *Artes do Corpo e Dialogismo em Soneto 116: potencialidades para uma educação estética do olhar* (GONÇALVES, 2022a) e *Dostoiévski em podcast: potencialidades para uma educação estética da escuta* (GONÇALVES, 2022b) que apresentam, a partir de relações teórico-práticas, o modo como temos mobilizado a noção de educação estética.

[vi] Compreendemos que a arte permite referir àquilo que restringem ao escopo do cognoscível, participando das fissuras e na formação de estruturas de conhecimento; que questiona a racionalidade moderna, articulando em contraste aquilo que é objetivo; ao conhecimento que é incomensurável, ambivalente, singular. (FERREIRA, 2014).

Assim compreendemos que pesquisamos com arte, como modo de amplificar produções de sentidos, incluindo outros modos de dizer, expressar, reverberar.

[vii] Problematizamos aqui o termo resultado, por isso entre aspas, por considerar que o tipo de pesquisas que temos desenvolvido focalizam menos resultados e pontos de chegada muito estabelecidos, e mais os processos e tudo que estes movem e possibilitam pensar sobre os temas que temos abraçado.

[viii] Najmanovich (2001) propõe a ideia de um sujeito encarnado com um imaginário complexo e com um corpo multidimensional. A autora diz que somos um corpo ao mesmo tempo material e energético, sensível e mensurável, pessoal e vincular, real e virtual. Só podemos conhecer, ela afirma, com nosso corpo; “um corpo, ao mesmo tempo, material e energético, sensível e mensurável, pessoal e vincular, real e virtual” (p. 24). Para a autora, somos nosso corpo, só podemos conhecer o que somos capazes de perceber com nosso corpo. Percebe-se, que as articulações aqui explicitadas, reconhecem o corpo como experiência presente.

[ix] Disciplina obrigatória com carga horária de 60 horas, da matriz curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (UFSCar), S.P., Brasil.